

Pseudônimo: ROSMUNDO

## O URUBU E O BURRO

Aerton de Paulo Silva

— Acreditar, acredite quem tem boa vontade. Eu, cá, sei que não é, de todo, história inventada; pois sou homem contador de casos e contos dos mais afamados da região e respeitado. Essa lenda — é lenda, sim — é conhecida noutros países, d'além dos mares, com um nome parecido, mas a coisa é diferente: é uma cobra que foi engolindo outra pelo rabo, sendo, ao mesmo tempo, engolida pelo rabo, também, pela que ela vinha engolindo. Uma roda, assim, ficou. Dizem que elas duas estão, até hoje, curtidas num garrafão com cachaça, guardadas num lugar chamado de Novóque. Quem toma um tiquinho dessa cachaça, todo dia, tem força pra mandar no mundo todo. Fazer o que quiser. Não, eles não deixam, não. É só deles. E, noutro país, onde nem a fome, nem a sede existe, lá tem é um cavalo misturado com águia, todo branco, lindo. Aqui, a história é assim, essa, que já 'tou contando:

Óh, lá vem ele, cambaleando, arrastando em passo lento — cote, cote, cote — o corpico. Osso puro, pesando um elefante. O sol cozinhando tudo. Talvez vai morrer, daqui a pouquinho, de sede, de fome, de calor, de falta de esperança, de tristeza, de remorso, ou de tudo isso junto. Era um burriquinho...

Vinha fugido do dono, a por causa que já tinha acabado a farinha, a rapadura, e o arroz — só tinham sobrado as latas — e os meninos quase que nada montavam nele, não. Os ossinhos das ancas machucavam os ossinhos das bundiquinhas sequinhas deles... Era um liso danado, só areia, nem calango se via.



Ilustração: Fernando Coimbra Perdigão

O dono, de olho atravessado, vesgo de fome, vigiava o burrinho, com dó de matar, adiando a hora, e com dor de morrer de fome, os seus meninos, a mulher e ele. O cachorro já tinha ido.

A reza era todo dia: Ôh, meu Deus, deixa chover pelo o amor de Deus... E, assim, é até hoje — uma parte da vida morrendo de sede e a outra, quando chove, morrendo afogada. Sempre fugindo: do sol aqui, da chuva ali... e dos urubus em todo canto...

Então, as sombras já arranhavam o chão, perto do burrico, querendo não esperar ele acabar de morrer direito. E ele lá, com medo. Tropeçou. Pronto. Tropeçou. Caiu. 'Tava ferrado. Eram os urubus. Eles gostam de começar é pelo fiofó. Um, mais afoito, veio chegando, de pulinho, perto, de olho lá...

O burrês, que não era nada burro, quietinho, quietinho. Assim, assim, meio morto, um quinto ainda vivo, bem muito vivo. Quando o danado ia para dar a primeira bicada no butchumtchum dele, de um só salto, aplicou um senhor coice no carneiro, jogando, quase morto, a uns três metros e meio, o urubu. Os outros voaram.

Aí, a doideira: todo mundo 'tá descansado de saber que burro gosta é de capim, não é? Pois então, quem não tem cão, caça congado: o burrote entrou na dança, só pra ver como é que dança — inverteu tudo, o mundo às avessas: foi lá, zurrando umas duas dúzias de besteiras e... engoliu. Engoliu mesmo, sem nem de mastigar, de galope, inteirinho, o urubu.

Então, a andança: já mais pra menos morto, sem fome, o asnim foi andando, igual quase do mesmo modo que vinha andando: ca-da-fa-co, ca-da-fa-co. Sem nem saber que tudo é redondo, foi encontrar, de novo, com o dono. É, mas é, que, só os ossos — urubu já tinha comido eles todos. O bichinho conheceu a carcaça do dono, dos meninos, da mulher. Aí, ele chorou — vocês já viram burro chorar?... 'tadinho — chorou de remorso

de ter fugido. Que se tivesse ficado, já que ia morrer mesmo, ao menos teria matado a fome do seu dono, dos meninos... Agora não tinha mais jeito, não...

De repente, um finco forte fincou fundo nas costelas, dentro dele: Pronto, é agora, vou morrer. E foi dando fincada, uma atrás da outra, e ele, lá, pulando de dor, e o sangue foi saindo, assim, do lado das ancas dele — e ele achando esquisito — e aparecendo, junto com o sangue, umas pontas pretas, e as pontas crescendo, crescendo — e ele lá, achando estranho, querendo, agora, de qualquer jeito, morrer pra parar de sentir dor e não conseguindo — e as pontas saindo! Aí ele viu, asas, de urubu, asas nas ancas. Pronto, é agora: o urubu 'tá vivo, me comendo de dentro, querendo voar! Então foi, saiu correndo e quanto mais ele corria, mais as asas cresciam e mexiam, e ele corria e as asas mexiam e ele correndo e as asas mexendo, mexendo, acabou saindo voando, voando: virou um uruburro. É. Só isso.

Existe, sim, como eu disse. Pois eu mesmo acho que vi, mesmo, com certeza. No quando, jagunço era, fomos de atravessar o liso do Sussuarão. Na época, só não contei pra ninguém, que, quem vê o uruburro, morre ou é salvo, depende da sorte da hora. E, causa que tem gente lá, achadeira de eu ser mentiroso — e eu não gosto. Não, nunca matei ninguém por causa disso, não — eu não, não gosto. A história do liso? Ah, essa é outra história. Eu só não conto porque não fui. Nem conto história alheia, só misturo, às vezes. Por mor de explicar melhor. Quando eu vi o uruburro, eu voltei. Quem sabe essa, não sou eu não. É o outro. Eu sei é outra, amanhã.